

Francisco Ferrer y Guardia: um nome para a educação popular

Pedro Henrique Prado da Silva¹

Resumo

A experiência da Escola Moderna de Barcelona e as concepções pedagógicas de Francisco Ferrer y Guardia talvez sejam o grande marco da educação racionalista no início do século XX. Sua defesa do ensino para as classes operárias da Espanha, com a intenção de incentivar uma educação reflexiva contra a dominação das instituições hegemônicas, com um forte cunho de crítica social, é o fato que coloca Ferrer na história da educação como incentivador da instrução popular. Este texto tem como objetivo resgatar a trajetória de vida de Francisco Ferrer y Guardia e suas experiências com a educação popular. Os métodos analíticos utilizados por Thompson, a “história vista de baixo”, possibilita-nos uma aproximação do objeto, sobretudo com um olhar mais criterioso, proporcionando a verificação de fatos corriqueiros e do cotidiano de pessoas comuns. Ferrer y Guardia foi um grande incentivador da formação da classe trabalhadora na Espanha, tendo como desejo fundamental a vulgarização da ciência para os que não tinham acesso a uma educação científica.

Palavras-chave

Educação Popular. Escola Moderna de Barcelona. Pedagogia Libertária. Francisco Ferrer y Guardia. História da Educação.

1. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, professor do Instituto Federal Norte de Minas Gerais. E-mail: profpedrohprado@gmail.com.

Francisco Ferrer y Guardia: a name for popular education

Pedro Henrique Prado da Silva*

Abstract

The experience of the Modern School of Barcelona and the pedagogical conceptions of Francisco Ferrer y Guardia were one of the most important facts in rationalist education in the early twentieth century. His defense of education for the working classes of Spain, with the intention of encouraging a reflective education against the domination of hegemonic institutions, based on a strong social critique, makes Ferrer a promoter of popular education in the history of education. This research aims to study Ferrer y Guardia's life and his experiences concerning popular education. The analytical methods used by Thompson allow us to understand the object more precisely, by looking at it in a more careful way, which enables us to investigate everyday events and the everyday lives of ordinary people. Ferrer was a great supporter of working class education in Spain, with a view to making science readily available for those who had no access to scientific education.

Keywords

Popular Education. Modern School of Barcelona. Libertarian Pedagogy. Francisco Ferrer y Guardia. History of Education.

* MSc in Education, Federal University of the State of Rio de Janeiro, Brazil; professor at Federal Institute Norte de Minas Gerais, Brazil. E-mail: profpedrohprado@gmail.com.

Introdução

Ao recordarmos as experiências libertárias na educação, não podemos deixar de nos deparar com a experiência da Escola Moderna de Barcelona e as concepções pedagógicas de Francisco Ferrer y Guardia. Com um forte cunho de crítica social, sua defesa do ensino racionalista volta-se às classes operárias da Espanha com a intenção de incentivar uma educação reflexiva contra a dominação das instituições hegemônicas. Sua experiência educacional propunha uma mudança significativa nesse campo e buscava retirar do Estado e, principalmente, da Igreja Católica o controle da instrução popular.

A história de Ferrer y Guardia e da Escola Moderna caminharam paralelamente a uma história das lutas operárias por melhores condições de trabalho, pela redução da carga horária de serviços, pelo direito das mulheres e pelo acesso a uma educação popular de qualidade.

Este texto tem como objetivo resgatar a trajetória de vida de Francisco Ferrer y Guardia, suas experiências com a instrução popular e as práticas pedagógicas exercidas na sua grande obra, que foi a Escola Moderna de Barcelona. Sua experiência pedagógica muito contribuiu para o desenvolvimento das teorias da Pedagogia Libertária, porém não podemos discuti-la sem deslumbrarmos suas experiências anteriores de vida, que muito provocaram o desejo de organizar tais feitos.

Para nossa análise específica desse resgate histórico, utilizamos Edward Thompson e a “história vista de baixo” (THOMPSON, 1998, 2004). Os métodos analíticos utilizados por Thompson possibilitam-nos uma aproximação do objeto, sobretudo com um olhar mais criterioso. Isso nos proporcionará a verificação de fatos corriqueiros e do cotidiano de pessoas que configuram a maior parcela da sociedade, as pessoas comuns. Ao tentarmos reescrever

os acontecimentos desse passado, nos surge uma grande dificuldade, que são as fontes de análise e as evidências dos objetos. Como afirma Sharpe (1992, p. 43), “quanto mais para trás vão os historiadores, buscando reconstruir a experiência das classes sociais inferiores, mais restrita se torna a variedade de fontes à sua disposição”, por isso a importância do historiador agregar o maior número possível de fontes com a maior diversidade, inclusive aquelas não muito utilizadas como livros literários, diários pessoais, documentos de sindicatos e associações de classes, entre outros.

O historiador dialoga com a produção historiográfica sobre trabalhadores e classe operária, sobre o capitalismo e a Inglaterra do século XVIII e XIX. Explorando de forma inédita (ao rastrear a experiência das pessoas comuns no seu dia a dia) documentos pouco usados até então pela historiografia que tematizava os trabalhadores, Thompson pesquisou em jornais, panfletos e livros; registros de debates parlamentares, leis e ordens judiciais; atas de associações, clubes, sociedades e sindicatos; coleções de cartas e diários pessoais guardados por particulares, canções antigas compiladas por folcloristas. (BERTUCCI et al., 2010, p. 35).

Os créditos dados por Thompson a fontes primárias inutilizadas no campo historiográfico, com base em pesquisas sobre classes operárias, nos fornecem meios de reescrever a história com mais rigor analítico. Isso ocorre após reutilizarmos novas fontes para pesquisas, sempre privilegiando um questionamento das evidências por meio do diálogo com a teoria utilizada. Então, utilizamos como fontes alguns números do Boletim da Escola Moderna e seu livro a Escola Moderna, assim como referências secundárias que abordaram sobre Ferrer y Guardia e a Escola Moderna de Barcelona.

Ferrer y Guardia: formação antes da escola moderna

Francisco Ferrer y Guardia nasceu em uma pequena cidade próxima de Barcelona, chamada Alella, em 10 de janeiro de 1859. Filho de camponeses, algo comum nesse período na Espanha, Ferrer trabalhou durante a sua infância nos vinhedos da família, constituída por “pequenos proprietários de terra, presos à Igreja e à Monarquia” (TRAGTENBERG, 2004, p. 130). Teve uma formação familiar convencional, participou do coral paroquial e estudou em uma pequena escola, onde passou a maior parte do tempo a estudar história sagrada e o catecismo. O dogmatismo cultivado pela educação católica foi uma experiência que ele vivenciou e dedicou-se a combater (CAPPELLETTI, 2012).

As escolas com diretrizes eclesásticas eram as instituições educacionais que predominavam nesse período na Espanha. Isso ocorreu devido à forte aliança estabelecida entre a Monarquia e a Igreja espanhola após a “Reconquista”². Esse fato fortaleceu a associação entre essas duas instituições mantendo sua hegemonia e

apesar de o descobrimento da América provocar uma expansão considerável na nascente burguesia, a hegemonia permanecerá à nobreza espanhola, que submete a monarquia seus interesses aliando-se à Igreja como função legitimadora. (TRAGTENBERG, 2004, p. 122).

A Reconquista perdurou entre o final do século XVIII e a segunda metade do século XIX. Isso acarretou na concentração do poder pelo Estado e pela Igreja, duas instituições

que exercem diferentes papéis. A Igreja detém o controle moral e o Estado detém o poder político-jurídico e utiliza instrumentos repressivos, como a polícia e a justiça. Esse é o cenário político e social em que o jovem Ferrer y Guardia conviveu e se dedicou a deter.

Aos 13 anos, Ferrer perdeu seu pai e teve de se dedicar ao trabalho nos vinhedos da família, abandonando a escola. Contudo, nesse período, sofreu uma forte influência republicana de um tio “que compactuava com ideias liberais” (GONÇALVES, 2007, p. 22-23). Após esse ano, conseguiu um emprego em Barcelona, região que apresentava um significativo crescimento econômico e industrial na Espanha, na casa de um lojista de tecido. Esse comerciante simpático às ideias “anticlericais e liberais” (GONÇALVES, 2007, p. 23) o levou a círculos operários e reuniões políticas e o inscreveu em um curso noturno. Participando de um ambiente proletário, onde já havia muitas agitações revolucionárias, Ferrer continuou suas leituras radicais – “lendo *Solidariedad Obrera* e estudando as ideias de Bakunin” (SAFÓN, 2003, p. 19) – e frequentou grupos próximos a Pi y Margall³, que defendiam o anticlericalismo (CAPPELLETTI, 2012, p. 16).

Esses não eram os únicos círculos de discussões sociais de Ferrer. Aos vinte anos ele “se uniu aos maçons, grupo que se dedicava a disseminar o pensamento liberal, e conspirações políticas na Espanha” (GONÇALVES, 2007, p. 23). Tais pensamentos de transformação social em oposição à dominação da monarquia e da Igreja foram potencializados, posteriormente, em decorrência da “geração de 98”⁴, que “foi a

2. A Reconquista na Espanha “data a hegemonia cultural e intelectual da Igreja como sua organizadora indiscutível”. Com a expulsão dos árabes na administração das riquezas do país, “a Espanha reforça a ortodoxia em torno da Igreja, a disciplina em torno do Estado acoplado à nobreza como classe dominante”. Cria-se uma sociedade “na qual a Igreja resulta como a organizadora da hegemonia vinculada ao Estado que, por sua vez, estava fundado na nobreza, não participando dessa hegemonia a burguesia e o povo” (TRAGTENBERG, 2004, p. 123).

3. Republicano radical que defendia o federalismo as bases proudhonianas. Ver: TRAGTENBERG, M. **Sobre educação, política e sindicalismo**. São Paulo: UNESP, 2004.

4. Em 1898, a Espanha tem sua esquadra e sua frota destruída no Caribe, onde, após curta guerra, perde para os EUA, as Filipinas e Cuba”. O movimento marcado pela revolta dos intelectuais nesse período “não pode ser reduzido a um fator meramente contingencial, à perda das colônias pela Espanha”, mas se confunde com desejos

primeira a lançar o grito de alarme e a revoltar-se contra um passado político que levou à falência nacional” (TRAGTENBERG, 2004, p. 130).

Na mesma época que iniciou sua relação com a maçonaria, Ferrer começou a trabalhar “como fiscal da Companhia Ferroviária no trajeto Barcelona a Cerbére” (GONÇALVES, 2007, p. 26). Nessa empreitada, iniciou um efetivo contato com o movimento dos trabalhadores ferroviários e se associou ao Partido Republicano. Teve a oportunidade de conhecer Manuel Ruiz Zorilla⁵, que, segundo o próprio Ferrer, “poderia ser considerado como um centro de ação revolucionária” naquela época (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 1). Trabalhando na estrada de ferro, Ferrer ajuda alguns operários refugiados políticos das tiranias do rei Alfonso XIII a fugirem, ultrapassando as fronteiras para chegarem à França. “Também utilizou deste artifício para trazer para a Espanha o pronunciamento republicano de Manuel Ruiz Zorilla, aos generais Villacampa e Merelo” (SAFÓN apud GONÇALVES, 2003, p. 26). Ainda, construiu uma biblioteca itinerante para os trabalhadores ferroviários, demonstrando o quanto já se importava com a educação do operariado e com o acesso ao conhecimento para essa classe.

Em 1885, Ferrer quase foi preso por ser acusado de incentivar uma greve geral dos ferroviários e precisou abandonar sua casa, sua mulher e os três filhos para esconder-se em Sallent, na casa do pai de Elias Puig, um anarquista espanhol. Participou do levante republicano a Santa Coloma de Farners, em

19 de setembro de 1886. Posteriormente, com a prisão do general Villacampa, e seu nome envolvido nessa ação, Ferrer exilou-se em Paris, na França, onde ocupou o cargo de secretário de Zorilla (CAPPELLETTI, 2012) – que já estava exilado em Paris pelo declínio das ideias republicanas a partir do golpe dos Alfonsinos.

O fracasso na consolidação de um governo republicano na Espanha provocou uma descrença nas classes trabalhadoras e incentivou a maioria a criar relações com Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) e grupos anarquistas. Este último, mediante direcionamento de Giuseppe Fanelli, discípulo de Bakunin, disseminava entre os jovens intelectuais e operários as ideias colocadas na I Internacional (ou AIT), fundando a Federação Espanhola Internacional (GONÇALVES, 2007, p. 26).

Em Paris, Ferrer desempenha outras atividades além de secretário de Zorilla, como o emprego em uma tenda de vinhos. Ademais, dedica-se ao negócio de estalajadeiro em um bairro latino, tarefa que substituirá pelo ensino da língua espanhola, com a qual inicia a pedagogia prática (CAPPELLETTI, 2012).

Suas experiências com ensino de língua espanhola em Paris concentraram-se, primeiramente, em aulas particulares nas instituições da maçonaria e de livres pensadores. Em seguida, ocupou-se na “Associação Filotécnica e mais tarde no Liceu Condorcet” (GONÇALVES, 2007, p. 27). Com isso, Ferrer iniciou suas observações práticas no campo pedagógico e essas análises o incentivaram a escrever um livro sobre o ensino de línguas.

de ascensão e status do país, de democracia e participação política, da busca de uma identidade e da autonomia individual. Uma tomada de consciência crítica, que segundo Tragtenberg: “para alguns pensadores ‘de 98’, o problema espanhol residia no individualismo étnico espanhol e o remédio consistia na revalorização de aspectos positivos do passado, a grandeza histórica espanhola. Enquanto Ganivet procurava encontrar a regeneração do país no plano intelectual como compensação às perdas no plano político, Joaquim Costa esperava ‘salvar’ o país pela europeização da Espanha” (TRAGTENBERG, 2004, p. 129-130). “A ‘geração de 98’ trazia um ideário de liberdade, democracia, que não encontrava uma burguesia suficientemente forte para adotá-lo” (idem, p. 125).

5. Líder Republicano na Espanha no final do século XIX. Ver: CAPPELLETTI, Á. J. Francisco Ferrer y Guardia y la Pedagogía Libertária. Tenerife/Madrid: Tierra de Fuego/LaMalatesta Editora, 2012. Disponível em: <<http://grupodeestudiosgomezrojas.files.wordpress.com/2012/10/ferrerylapedagogialibertaria-cappelletti.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2014.

A experiência docente o colocou em contato com diversas pessoas, de diferentes classes, e o deixou surpreso com o egoísmo e o individualismo das pessoas que passaram por suas aulas. Ferrer decidiu tomar o rumo das lutas proletárias e viu a necessidade de criar uma organização educacional e cultural que contemplasse essa classe social. Ele próprio se definia como um “revolucionário inspirado no ideal de justiça, pensando que a liberdade, a igualdade e a fraternidade eram o corolário lógico e positivo da República” (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 1). Iniciou contato com figuras importantes para a Escola Moderna. Primeiro, sua aluna Clemencia Jacquet, que seria diretora da Escola, contribuiu com a redação de um livro didático – *Compêndio de história universal: da pré-história ao Império Romano* (TRAGTENBERG, 2004) – depois, outra aluna, Ernestine Meunie, “uma católica convicta” (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 3), foi uma das principais figuras a possibilitar a existência prática da obra educacional de Ferrer e a fornecer os recursos necessários para a criação da Escola Moderna de Barcelona.

Há outros personagens importantes que passaram pela vida de Ferrer e influenciaram seus pensamentos sobre a emancipação popular. Como exemplo, temos Carlo Malato, militante anarquista, que o acompanha na “visita a diferentes bairros e vilas operárias [...], para conhecer de modo direto as condições de vida desses trabalhadores” (CAPPELLETTI, 2012, p. 20). Outra pessoa relevante foi Paul Robin, anarquista neomalthusiano, que dirigiu o orfanato de Prévost, em Cempuis, concretizando uma experiência de educação dos trabalhadores nos moldes dos pensamentos que idealizavam alguns anarquistas no período da AIT, a chamada “educação integral”. Além desses, Ferrer ainda tinha contato com livre pensadores e demais socialistas no Congresso de Livre Pensadores, em 1892, e no Congresso Socialista Internacional, que se realiza em

Londres em 1896 (CAPPELLETTI, p. 21).

É possível verificarmos que esses inúmeros contatos, tanto no campo socialista (libertário ou não) quanto no campo liberal, incluindo maçons, livre pensadores e positivistas da época, terão grande influência nas propostas pedagógicas defendidas por Ferrer. A concordância dele com as lutas populares é evidente, pois era simultaneamente trabalhador e militante das causas das classes desfavorecidas. Além disso, defendia a relação com diversas correntes ideológicas que poderiam contribuir com a educação operária. Seu pensamento focava-se nas necessidades de uma educação para os operários em busca de uma formação digna, justa, livre e com igualdade entre os indivíduos.

A prática e os pensamentos pedagógicos de Francisco Ferrer y Guardia: a Escola Moderna de Barcelona

Como mencionamos anteriormente, Ferrer teve diferentes contatos com pensadores do campo progressista na Espanha e durante os seus quinze anos de exílio na França. Essa rede de influências foi primordial para a concepção pedagógica da sua principal obra, a Escola Moderna. Ferrer se inspira no pensamento racionalista com o desejo de romper com o controle da Igreja Católica no ensino público. Para tanto, busca a influência de pensadores da educação que, nessa época, almejavam os mesmos objetivos, como Pestalozzi e Froebel. Além desses, segundo Gallo (2007, p. 108-109), na pedagogia racionalista de Ferrer podemos ver

uma tradição advinda do Iluminismo – e de sua nova roupagem no século XIX, o Positivismo de Auguste Comte –, de afirmar a Razão como o caminho do progresso e da redenção da humanidade. Ferrer não foi um homem que se separou do seu tempo [...]. E como homem de seu tempo não escapou às influências do Positivismo e sua confiança na libertação do homem pela ciência.

Contudo, apesar da forte influência do Positivismo, Ferrer se encontra no lado oposto aos objetivos desse pensamento. Por um lado, o Positivismo formava as bases do pensamento liberal e, conseqüentemente, capitalista. Além disso, utilizava a ciência para os interesses da burguesia a ser constituída na Espanha no final do século XIX e apregoava a salvação da humanidade a partir do avanço do conhecimento. Por outro lado, Ferrer defende a distribuição da ciência para todos, pois acreditava que somente a livre circulação do conhecimento poderia construir para uma sociedade igualitária e livre. Isso o aproximará das concepções anarquistas e da Pedagogia Libertária.

A verdade é de todos e socialmente se deve a todo mundo. Colocar-lhe um preço, reservá-la como monopólio dos poderosos, deixar em ignorância sistemática os humildes e, o que é pior, dar-lhes uma verdade dogmática e oficial em contradição com a ciência para que aceitem sem protesto seu estado ínfimo e deplorável sob um regime político democrático é uma indignidade intolerável e, da minha parte, julgo que o protesto mais eficaz e a ação revolucionária mais positiva consiste em dar aos oprimidos, aos deserdados e a todos aqueles que sentem impulsos justos esta verdade que lhes é escondida, determinando as energias suficientes para a grande obra de regeneração da sociedade. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 7).

Cabe também observar que, segundo Ferrer, a ciência não era apenas um instrumento de adorno ou superficialidade, mas uma necessidade das classes oprimidas, pois a distribuição da ciência oportuniza o acesso do operário a um conhecimento reflexivo. Assim, como afirma Gallo (2007, p. 76),

na perspectiva de Ferrer em particular e dos anarquistas em geral, a ciência só pode ser o veículo do progresso desde que seja devidamente distribuída pelo conjunto da

sociedade.

A busca por uma educação para emancipar a classe operária aglutinará educadores libertários no desenvolvimento de importantes propostas educacionais, como o já citado Paul Robin; Anselmo Lorenzo, anarquista, historiador do sindicalismo espanhol, que traduziu materiais didáticos para a Escola Moderna; Jean Grave e Elisée Reclus, que produziram boa parte do material didático para a Escola Moderna (*Las Aventuras de Nono*, de Jean Grave; *El hombre y la tierra*, de Elisée Reclus) (TRAGTENBERG, 2004, p. 133-135). Além desses, o filósofo anarquista Piotr Kropotkin, que, mesmo não fazendo parte da Escola Moderna, incentivou os trabalhos educativos nela realizados. Considerando a importância de uma educação que enfatizasse a reflexão crítica da sociedade e a libertação de uma visão metafísica e fantasiosa, Kropotkin destaca a necessidade de uma educação racionalista que liberte o operariado da dominação.

Antes de mais nada, a educação propriamente dita, isto é, a formação do ser moral, ou seja, do indivíduo ativo, com iniciativa, empreendedor, valente, livre dessa timidez de pensamento que caracteriza o homem educado em nossa época, ao mesmo tempo sociável, igualitário, capaz de sentir sua unidade com os homens do universo inteiro; portanto, despojado de preocupações religiosas, individualistas, autoritárias que a escola nos inculca.

Para isso, torna-se necessário criar, pouco a pouco, novas exposições de todas as ciências concretas em lugar dos tratados metafísicos atuais, societários, “associacionistas” – em lugar dos individualistas e dos tratados “populistas” produzidos conforme o ponto de vista do povo, no lugar do ponto de vista da classe dominante, que domina em toda a ciência atual e, sobretudo, nos manuais escolares⁶. (KROPOTKIN apud TRAGTENBERG, 2004, p. 151).

6. Carta enviada por Kropotkin a Ferrer.

Observamos, na Escola Moderna de Ferrer, um tratamento diferenciado das ciências naturais, veiculadas para todos como um instrumento de emancipação. De acordo com Kropotkin, era necessário substituir a ciência das classes dominantes por uma “ciência popular”, de crítica social, questionadora dos privilégios de poucos e a miséria de muitos, assim como curiosa simplesmente nos desejos de avanço do conhecimento para toda a humanidade. Para a conquista desse objetivo era necessário um afastamento das experiências da escola política –do Estado, que conserva os privilégios e a dominação socioeconômica – e da escola religiosa – da Igreja, que ensina dogmas e ficções religiosas para manter a submissão do indivíduo – (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 17).

Porque, para Ferrer,

a Escola Moderna opera sobre as crianças a quem pela educação e pela instrução prepara para serem homens, e não antecipar amores nem ódios, adesões nem rebeldias, que são deveres e sentimentos próprios dos adultos; em outros termos, não quer colher o fruto antes de tê-lo cultivado, nem quer atribuir uma responsabilidade sem ter dotado a consciência das condições que devem constituir seu fundamento: que as crianças aprendam a serem homens, e quando o forem declarem-se em rebeldia em boa hora. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 16).

Será a partir dessa ideia de uma escola livre de preconceitos e dogmas sectários que se formará a Escola Moderna de Barcelona. Sua fundação ocorreu em agosto de 1901 e sua inauguração em 8 de setembro do mesmo ano. Localizado na Rua Bailen, no subúrbio de Barcelona, a primeira turma da Escola foi composta por 30 alunos (12 meninas e 18 meninos). Nesse período, a conjuntura da Espanha era a experiência da Terceira República que se tentava estruturar no país com um grande alvoroço liberal ao ensino

anticlerical e racionalista (CAPPELLETTI, 2012, p. 26). Porém, o objetivo de Ferrer não era uma educação racionalista apenas para a elite, sua preocupação era possibilitar a divulgação do conhecimento para todos sem o prejuízo dos dogmas. Em seu programa, ele afirmava que

A missão da Escola Moderna consiste em fazer com que os meninos e as meninas que lhe forem confiados se tornem pessoas instruídas, verdadeiras, justas e livres de qualquer preconceito. Para isto, o estudo dogmático será substituído pelo estudo racionalizado das ciências naturais. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 7).

As ciências naturais foram a ferramenta principal da construção dessa obra educacional. Na inauguração da Escola, um dos oradores, Salas Antón⁷, enfatizou a necessidade das ciências naturais no ensino das crianças e da aderência de todos os professores ali presentes em seguir os princípios dos pedagogos naturalistas, que colocavam os estudantes em contato com a natureza (BOLETIN DE LA ESCUELA MODERNA, 1901, p. 4). A prática do ensino ativo, no aprendizado das ciências naturais em passeios campestres é uma prática de educação integral. Também é observado esse princípio tanto no ensino de disciplinas (botânica, fisiologia e física) quanto nas instalações da escola:

lâminas de fisiologia vegetal e animal, coleções de mineralogia, botânica e zoologia; gabinete de física e laboratório especial; máquina de projeção; substâncias alimentares, industriais, minerais etc. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 9).

Para Ferrer, era necessário que a criança aprendesse a teoria de maneira prática, experimentando o que estava sendo ensinado pelas ciências, pois não poderia haver dicotomia entre o ensino teórico e prático.

7. Colaborador da Escola Moderna de Barcelona.

Entretanto, o ensino não se limitava às ciências naturais e essas peculiaridades eram interessantes na experiência de Ferrer, pois ele não praticava um racionalismo clássico, que considerava apenas a razão como cerne da educação.

Ademais, não se educa integralmente o homem disciplinando sua inteligência, fazendo caso omissivo do coração e relegando a vontade. O homem, na unidade de seu funcionalismo cerebral, é um complexo; tem várias facetas fundamentais, é uma energia que vê, afeto que rejeita ou adere ao concebido e vontade que se cristaliza em atos, o percebido e amado. Estabelecer um abismo onde deveria haver uma sadia e bela continuidade é um estado mórbido, que luta contra as leis do organismo do homem, e com certeza é moeda corrente do divórcio entre o pensar e o querer. Devido a isso, quantas consequências fatalíssimas!

Devemos propor, como fim da nossa missão pedagógica, que não se dê em um único indivíduo uma dualidade de pessoas: uma que vê o verdadeiro e o bom e o aprova, e a outra que segue o mal e o impõe. E já que temos as ciências naturais como guia educativo, facilmente será compreendido o seguinte: cuidaremos para que as representações intelectuais que a ciência sugerir ao educado sejam convertidas em sentimentos e ele as ame intensamente. Porque o sentimento, quando é forte, penetra e se difunde pelo mais profundo do organismo do homem, perfilando e colorindo o caráter das pessoas.

E, como a vida prática, a conduta do homem deve girar dentro do círculo de seu caráter, e, portanto, o jovem educado da maneira indicada, quando se governar por conta de sua compreensão peculiar, converterá a ciência, através do sentimento, na mestra única e benéfica de sua vida. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 11).

É importante destacarmos essa citação que, apesar de longa, nos proporciona uma análise sobre a visão de Ferrer com relação à criança e ao ensino das ciências naturais concomitante

ao incentivo das emoções e sentimentos. Ferrer não visualizava a criança como um ser duro, sem sentimentos e sem relação com o mundo a sua volta, a ser moldada pelo professor como se não houvesse desejos, sentimentos, emoções e autoconhecimento. Defendeu a necessidade de uma educação científica e integral, que englobasse os sentimentos e, inclusive, a arte, por uma educação mais sensível.

A missão do ensino consiste em demonstrar à infância, em virtude de um método puramente científico, que quanto mais se conhecer os produtos da natureza, suas qualidades e a maneira de utilizá-los, mais abundarão os produtos alimentícios, industriais, científicos e artísticos úteis, convenientes e necessários para a vida, e com maior felicidade e profusão sairão de nossas escolas homens e mulheres dispostos a cultivar todos os ramos do saber e da atividade, guiados pela razão e inspirados pela ciência e pela arte, que embelezarão a vida e justificarão a sociedade. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 40).

Desse modo, segundo Gallo (2007, p. 112),

Ferrer y Guardia acha que os conhecimentos devem ser bem fundados na razão, mas o processo pedagógico no geral deve estar intrinsecamente ligado com as emoções.

Além de sua proposta de educação se fundamentar no pensamento racionalista e no desenvolvimento das emoções, ele se embasou em outros princípios básicos dentro da Pedagogia Libertária. Defendeu uma sociedade pautada nos princípios da igualdade, da liberdade e da solidariedade entre homens e mulheres que constituem a sociedade. Dessa forma, podemos destacar algumas proposições realizadas pela Escola Moderna e suas concepções educacionais, que envolviam valores morais necessários para um convívio social digno e justo entre os indivíduos.

A educação de meninos e meninas (coeducação dos sexos) e de diferentes classes

sociais; a abolição de exames, punições e prêmios constituíam-se em uma experiência educacional transformadora nesse período na Espanha. “A escola mista, nas grandes cidades, ainda era desconhecida” (TRAGTENBERG, 2004, p. 141-142). A esse respeito segue o comentário de Ferrer y Guardia (2010, p. 13):

O que palpita, o que vive por todas as partes em nossas sociedades cristãs como fruto e objetivo da evolução patriarcal, é a mulher não pertencendo a si mesma, sendo nem mais nem menos que um adjetivo do homem, atado continuamente ao pilar de seu domínio absoluto.

E continua, ao afirmar a necessidade da coeducação de classes sociais:

Poderia ter fundado uma escola gratuita; mas uma escola para crianças pobres não poderia ter sido uma escola racional, porque se não lhes ensinasse a credulidade e a submissão como nas escolas antigas, teria lhes inclinado forçosamente à rebeldia, teriam surgido espontaneamente sentimentos de ódio.

Porque o dilema é irreduzível; não há meio termo para a escola exclusiva da classe deserdada: ou o acatamento do erro e da ignorância sistemática sustentados por um falso ensino, ou o ódio àqueles que lhes subjugam e exploram. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 16).

A atuação da Escola Moderna primava pela defesa de uma educação que praticasse os valores da igualdade, liberdade e solidariedade entre todos os indivíduos

como consigna a famosa declaração revolucionária em sua primeira cláusula com estas palavras indestrutíveis: os homens nascem e permanecem livres e iguais em direito. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 16).

Ferrer tinha consciência de que o que predominava na sociedade era o abuso de

poder e a dominação das classes operárias, por isso, destacava que a Escola Moderna

opera sobre as crianças a quem pela educação e pela instrução prepara para serem homens, e não antecipa amores nem ódios, adesões nem rebeldias, que são deveres e sentimentos próprios dos adultos. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 16).

Ferrer justifica a importância de uma educação de ricos e pobres juntos para não haver diferenças desde a infância, de modo a desenvolver e preservar o princípio da igualdade e do apoio mútuo entre as pessoas. Somente dessa forma seria possível realizar uma sociedade livre, sem distinção de sexo, classe social ou intelectual.

Outra importante experiência realizada pela Escola Moderna foi a abolição dos prêmios, dos castigos e dos exames. Para Ferrer, não era possível defender uma educação racionalista com os valores morais defendidos à época, em que as crianças eram classificadas pela sua eficiência em testes.

Admitida e praticada a coeducação de meninos e meninas e ricos e pobres, ou seja, partindo da solidariedade e da igualdade, não criaríamos uma desigualdade nova, e, portanto, na Escola Moderna não havia prêmios, nem castigos, nem provas em que houvessem alunos ensoberbecidos com a nota dez, medianias que se conformassem com a vulgaríssima nota de aprovados nem infelizes que sofressem o opróbrio de serem depreciados como incapazes. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 33).

O importante era que a criança pudesse desenvolver-se por si só, conquistasse a sua autonomia e independência intelectual sem a influência de dogmas. As avaliações realizadas pelos professores na escola pública “comum” geravam uma hierarquização entre os educandos. Isso provocava uma falsa conclusão de que existiam crianças melhores e piores, uma “hierarquização pedagógica” já moldada

a uma concepção social de dominação que se construía nessa época. Assim, a Escola Moderna não poderia fundamentar-se nos mesmos princípios, já que realizava uma crítica a essa sociedade hierárquica e à escola que cultivava as atividades burocráticas.

Na Escola Moderna, havia também uma preocupação com a saúde das crianças. A higiene escolar era defendida por Ferrer: a necessidade de vida asséptica e sem doenças para uma classe que sofria com a degradação das enfermidades e com as extenuantes horas de trabalho. Em um dos artigos publicados no boletim da escola, o médico Martinez Vargas salienta:

Há alguns meses, por mera coincidência, sem dúvida, ajudei, com alguns dias de intervalo, três crianças com difteria: as três iam ao mesmo colégio; a tosse convulsa, o sarampo, a escarlatina e outras encontram nas escolas o campo mais fecundo para uma explosão acadêmica, porque aquelas crianças ali reunidas, submetidas ao mesmo meio, quando chegam às suas casas contagiam seus irmãozinhos maiores ou menores, e desta maneira o contágio escolar atinge até as crianças de peito, os próprios recém-nascidos. Às vezes chega até seus pais. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 20).

O ambiente escolar era um meio favorável para a transmissão de moléstias capazes de prejudicar o convívio social e a dinâmica educacional da escola.

A aglomeração em que os escolares vivem, o uso de um único mictório, de um único vaso, a troca de cartapácios e lápis que passam de mão em mão e de boca em boca [...], tudo isto é uma promiscuidade perigosa para a coletividade. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 20).

Nas publicações do boletim da Escola Moderna, consta um texto do médico J. Peiró (1901) abordando a importância da alimentação e da higiene na infância. O médico afirmava

que as classes operárias na Espanha eram as mais afetadas com as doenças e a desnutrição infantil por não conhecerem as regras básicas para evitar tais problemas. Além desse fator, ele afirmava que:

Nem sempre é o desconhecimento das regras que motiva a má alimentação, algumas outras razões há e caem na ordem sociológica. Nos centros fabris, nesse foco de trabalho, a escravidão econômica que se encontra submetida a mulher e particularmente a mãe durante a amamentação, é outro dos importantes fatores a levar em conta. (PEIRÓ, 1901, p. 14).

O problema era muito mais grave entre as classes desfavorecidas economicamente, pois elas não possuíam conhecimento nem condições econômicas para promoverem uma saúde digna às crianças e aos próprios operários. Contudo, Ferrer ansiava que isso se modificasse dentro da Escola Moderna, para que houvesse uma educação que se importasse com a saúde física e a higienização do ambiente. Além disso, esperava que a influência desse ensino penetrasse nas famílias por exigência das crianças, sob o papel de agentes modificadores da rotina caseira (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 19). Assim, poderia se evitar as moléstias que tanto prejudicavam a vida do operariado.

Essa rotina que se consolidou na escola era muito rigorosa e orientada pelos professores todos os dias. Todas as manhãs e tardes, os professores explicavam sobre a importância da higiene pessoal e das salas de aulas em uma linguagem acessível às crianças e sem repressões. Verificavam cabeça, rosto e mãos, sendo vigilantes rigorosos nesse assunto. No primeiro número do boletim da escola, Ferrer publicou essa experiência em sala de aula com os estudantes.

A visita da limpeza é muito necessária nas classes preparatórias; sobre esse ponto o professor não tolerará a menos negligência,

vigiando para que todos os alunos presentes, em seu corpo e em sua roupa, um aspecto irreprochável. Mas como esta visita, o mesmo que tudo referente à educação, requer muito tato, para ser eficaz deve ser minuciosa sem degenerar em vexatória. Tenho visto que professores por excesso de zelo têm cometido graves faltas a respeito desse assunto.

Para chegar ao objetivo desejado, se terá especial empenho em explicar bem aos alunos no primeiro dia de aula as vantagens da higiene e os inconvenientes da sociedade, tanto em sentido objetivo como a extensão aplicada a moral, usando para ele, como se compreende, uma linguagem ao alcance do seu jovem auditório; logo se advertirá as crianças que todos os dias, manhã e tarde se examinaram as cabeças, rosto e mãos. (BOLETÍN DE LA ESCUELA MODERNA, 1901, p. 10-11).

O intuito era não apenas uma educação para o conhecimento da saúde, mas também da moral, dos valores de solidariedade e de cooperação. O respeito à organização e à higiene escolar e pessoal estava diretamente ligado a uma compreensão de saúde coletiva, de respeito e de cuidado ao próximo. A saúde e esses princípios morais eram cultivados também durante a realização de brincadeiras e jogos dentro da escola. Para Ferrer, o jogo e as brincadeiras eram “indispensáveis às crianças. No tocante à sua constituição, saúde e desenvolvimento físico, todo mundo estará formado” (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 22). Preocupava-se com o desenvolvimento e vigor físicos desde a tenra idade, a fim de evitar problemas de saúde no futuro.

Os jogos e as brincadeiras, por outro lado, merecem outro ponto de vista na pedagogia e uma maior consideração se são desejados. Deve-se deixar que a criança onde quer que esteja manifeste sinceramente seus desejos. Este é o fator principal da brincadeira que [...] é o desejo satisfeito pela livre atividade. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 22).

As brincadeiras eram um modo de livre expressão da criança, cujas necessidades poderiam ser supridas em uma brincadeira lúdica com outras crianças ou mesmo sozinha. Esses fatores eram elucidados na explicação de atividades diárias no boletim da escola ao abordar o tempo do recreio e de exercícios manuais.

O professor deixará, pois, solto os passarinhos [...], permitindo fazer tanto ruído e movimento como queira (sem excluir a imitação de gritos de animais). Depois do qual, o rebanho em calma, entrará em classe ordenada e silenciosamente. Se procederá então os exercícios manuais, apelando a dupla habilidade de invenção e execução das crianças. Esses exercícios são muito variados, compreendendo desde o desenho de uma pizza até as peças cúbicas de construção, passando pelo tecido, a modelagem e o recorte de papel com os dedos. [...] deixemos as crianças escolherem livremente o que os satisfazem; somente com um pouco de habilidade, o professor sugerirá uma escolha aos seus alunos, com o fim de introduzir a variedade do trabalho. Ao efeito, havendo preparado de antemão dois ou três exercícios, proporá as crianças a adoção de um; se bem que providenciará de alguma maneira que resulte a preferência que ele julgue mais conveniente. (BOLETÍN DE LA ESCUELA MODERNA, 1901, p. 12).

As brincadeiras livres e a escolha de atividades diversas dentro das aulas de trabalhos manuais favoreciam a criança a selecionar o exercício que mais lhe agradava. O professor apenas propunha alguns exercícios e orientava os educandos. O objetivo era que as crianças pudessem exercer brincadeiras e jogos livremente, com prazer e sem intervenção de um adulto. Entretanto, não se perdia a noção de autoridade de ciência do professor ao orientar, em dado momento das atividades, um exercício que compreendesse necessário para um melhor desenvolvimento e aprendizado da criança. Além disso, os jogos e brincadeiras serviam para desenvolver os princípios morais de igualdade,

liberdade e solidariedade entre os educandos.

[...] a brincadeira é apta para o desenvolvimento do sentido altruísta nas crianças. A criança, em geral, é egoísta, intervindo com uma disposição tão fatal muitas causas, sendo a principal entre todas a lei de herança. Da qualidade indicada se desprende o despotismo natural das crianças, que lhes leva a querer mandar arbitrariamente em seus demais amiguinhos.

A brincadeira é onde as crianças devem ser orientadas para que pratiquem a lei da solidariedade. As observações prudentes, os conselhos e as reconvenções dos pais e professores devem ser encaminhadas nas brincadeiras das crianças, para lhes provar que lhes é mais útil serem tolerantes e condescendentes com o amiguinho que intransigentes com ele: que a lei de solidariedade beneficia aos demais e ao mesmo que a produz. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 24).

O respeito pelo próximo, sem o desejo de dominação, como princípio de igualdade, o livre desejo de se expressar nas brincadeiras, fundamentadas pela cooperação entre todos os educandos, eram fontes dos valores morais sustentados dentro das atividades da Escola Moderna. As brincadeiras também originavam

as imitações para o trabalho, Ferrer considerava isso como um bom instrumento para iniciar as crianças em tarefas que exerceriam na sua vida futura. “A formação da criança durante o jogo antecipa a ação do adulto no trabalho” (TRAGTENBERG, 2004, p. 144). Entendendo que a formação para a vida é o sentido da educação racionalista, Ferrer afirmava que essa formosa tendência tem que ser aceita e arraigada em todas as gerações do futuro, e o meio único e expeditivo de fazê-lo consiste em levar à educação o sentido de Froebel: toda brincadeira bem dirigida é convertida em trabalho, assim como trabalho em brincadeira. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 23).

Com essa atuação em defesa do racionalismo e de valores morais socialistas, principalmente libertários, o destaque da Escola Moderna no campo educacional, após seu primeiro ano, repercutiu no mundo inteiro. Em 1905, na província de Barcelona, havia 147 sucursais da Escola Moderna e também instituições de educação elementar em Madri, Córdoba, Málaga, Sevilha, Cadiz e Granada (CAPPELLETTI, 1994, p. 29).

Em 1908, Ferrer cria a “Liga Internacional para Instrução Racional da Infância⁸”, recebendo o apoio de escritores como Máximo Gorki,

8. COMITÊ INTERNACIONAL DE INICIATIVA E DE DIREÇÃO.

Exposição

Esta Liga fica estabelecida sobre as seguintes bases:

1ª – A educação da infância deve fundamentar-se sobre uma base científica e racional; em consequência, é preciso separar dela toda noção mística ou sobrenatural;

2ª – A instrução é uma parte desta educação. A instrução deve compreender também, junto à formação da inteligência, o desenvolvimento do caráter, a cultura da vontade, a preparação do ser moral e físico bem equilibrado, cujas faculdades estejam harmonicamente associadas e elevadas ao seu máximo de potência;

3ª – A educação moral, muito menos teórica do que prática, deve resultar principalmente do exemplo e apoiar-se sobre a grande lei natural de solidariedade;

4ª – É necessário, sobretudo no ensino da primeira infância, que os programas e os métodos estejam adaptados todo o possível à psicologia da criança, o que quase não acontece em parte alguma, nem no ensino público nem no privado.

Tais são as verdades, tais são os princípios que originaram a criação da Liga Internacional para a Instrução Racional da Infância.

Cada membro da Liga compromete-se a contribuir, no círculo das suas relações e, na medida do possível, à prática destes princípios. A Liga o auxiliará energeticamente no seu labor. A união de boas vontades que representa esta associação não pode produzir senão resultados eficazes.

Estatutos

Anatole France e Bernard Shaw, do físico Paul Sábio Langevin e do socialista Aristide Briand (TRAGTENBERG, 2004, p. 131-132). Essa Liga possuía órgãos próprios na Espanha (Boletín de La Escuela Moderna), França (L'École Renovée) e Itália (Scuola Laica), que

expõem, discutem e difundem todas as novidades pedagógicas encaminhadas à depuração da ciência de todo contato impuro com o erro, ao desaparecimento de toda credulidade, à perfeita concordância entre o que se crê e o que se sabe e a destruir o

privilegio daquele esoterismo que desde os tempos mais remotos vinha deixando o esoterismo para as massas. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 81).

Havia, também, nessa mesma Liga, “seções na Suíça, Bélgica, Alemanha, Inglaterra, Holanda e Portugal” (TRAGTENBERG, 2004, p. 132). O desejo de Ferrer era que, com cada compilação do saber crítico e científico que esses órgãos se propunham em divulgar, as massas pudessem

Art. 1º - Constitui-se uma liga denominada *Liga Internacional para a Educação Racional da Infância*, com o fim de introduzir praticamente no ensino da infância, em *todos os países*, as ideias de *ciência*, de *liberdade* e de *solidariedade*. Propõem-se, além disso, procurar a adoção e aplicação dos métodos mais apropriados à psicologia da criança, com o fim de obter os melhores resultados com o menos esforço.

Art. 2º - Os meios de ação da Liga consistem numa incessante propaganda, sob todas as formas, dirigidas mais especialmente aos educadores e às famílias.

Art. 3º - Para ser membro da Liga basta aderir à exposição de princípios que lhe servem de base, e pagar anualmente uma cota de frcs. 1.20 como mínimo.

Art. 4º - A Liga pode constar em todos os países das seções ou dos grupos cujo funcionamento resulte de um acordo com o Comitê de iniciativa e de direção instituído pelo artigo 5º.

Os grupos constituídos podem reservar, para as necessidades do seu funcionamento, as três quartas partes da importância das quotas, ou seja, frcs. 0.90 por indivíduo, e contribuir só com a quarta parte (frcs. 0.30 por indivíduo) para a administração central da Liga.

Art.5º - A administração da Liga corresponde a um Comitê Internacional de Iniciativa e de Direção, composto de cinco membros no mínimo e de quinze no máximo, nomeados para um prazo de cinco anos pela Assembleia Geral, sendo reelegíveis. O Comitê pode completar-se pela agregação de novos membros designados pelo mesmo, os quais devem ser ratificados pela assembleia geral mais imediata que se realizar.

O primeiro Comitê Internacional de Iniciativa e Direção, cujas funções terminarão na Assembleia Geral de 1913, fica assim formado:

Srs. Francisco Ferrer (Espanha) PRES.;

C. A. Laisant (França) VICE-PRES.;

J. F. Elslander (Bélgica);

Ernest Hackel (Alemanha);

WilliansHeaford (Grã-Bretanha);

Giuseppe Sergi (Itália);

H. Roorda Van Eysinga (Suíça);

Srta. Henriette Meyer, SECRETÁRIA.

Art. 6º - Institui-se mais um Comitê Internacional de Propaganda, de número ilimitado de indivíduos, cuja eleição compete ao Comitê de Iniciativa e de Direção, devendo ser ratificado assembleia geral imediata.

Art. 7º - A residência social da Liga fixa-se em Paris, 21, Boulevard Saint-Martin, podendo ser transferida a outro ponto por acordo do Comitê Internacional de Iniciativa e de Direção.

Art. 8º - *L'École Renovée*, revista periódica publicada em Paris, é órgão titular da Liga.

Art. 9º - O Comitê de Iniciativa e de Direção convocará cada ano uma Assembleia Geral da Liga, para ouvir a memória anual do Comitê, discutir as conclusões se for preciso e deliberar sobre os assuntos da ordem do dia.

Art. 10º - Os presentes estatutos só podem ser modificados por uma Assembleia Geral, por proposta do Comitê Internacional de Iniciativa e de Direção.

Art. 11 - A dissolução da Liga só poderá ser deliberada por uma Assembleia Geral extraordinária especialmente convocada para esse fim, e por maioria das três quartas partes dos membros presentes ou representados (CCRE, 1909, p. 2-3).

brotar o grande determinante de uma ação poderosa, consciente e combinada, que dê à revolução futura o caráter de manifestação prática de aplicação sociológica, sem arrebatamentos nem vinganças, nem tragédias terríveis nem sacrifícios heroicos, sem confrontos estéreis, sem desfalecimentos de iludidos e apaixonados comprados pela reação, porque o ensino científico e racional terá dissolvido a massa popular para fazer de cada mulher e de cada homem um ser consciente, responsável e ativo, que determinará sua vontade por seu próprio juízo, assessorado por seu próprio conhecimento, livre para sempre da paixão sugerida pelos exploradores do respeito ao tradicional e do charlatanismo dos modernos forjadores de programas políticos. (FERRER Y GUARDIA, 2010, p. 81).

Considerações finais

É visível o quanto Ferrer acreditava na ciência e na educação popular para uma futura revolução social. Por meio dela, o indivíduo poderia se transformar em um novo ser, crítico, livre-pensador, sem as mazelas do pensamento dogmático imposto às classes proletárias. Ferrer acreditava que, com a vulgarização da ciência para todos os indivíduos, seriam possíveis uma mudança na organização social e uma

emancipação das classes trabalhadoras em todo o mundo.

O Internacionalismo era um dos princípios pedagógicos de Ferrer. Ao incentivar uma liga internacional que promovesse a vulgarização da ciência e do conhecimento crítico para a classe operária de todo o mundo, sem limites de fronteiras, língua ou classe social, expunha o seu desejo de uma luta comum das classes subjugadas por um bem único em todo o mundo: a superação da dominação entre as classes. Esses eram alguns dos objetivos da criação da Escola Moderna de Barcelona e da Liga Internacional de Educação Racionalista da Infância, isto é, permitir o acesso à ciência para o maior número de pessoas, principalmente ao operariado de todo o mundo.

Considerando sua trajetória de vida e sua obra, indubitavelmente colocamos Francisco Ferrer y Guardia juntamente com outras figuras importantes para a cultura e a educação popular como Malvina Tavares, Pistrak, Paul Robin, Sébastien Faure, José Oiticica, entre outros. Podemos, inclusive, arriscar a afirmativa de que Ferrer é para a Espanha o que Paulo Freire é para nós aqui, no Brasil, realizando, contudo, as devidas comparações de seu tempo e espaço, suas realizações e sua imagem emblemática na Espanha.

Referências

BERTUCCI, L. M.; FARIA FILHO, L. M. de; OLIVEIRA, M. A. T. de. **Edward P. Thompson**: história e formação. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

BOLETÍN DE LA ESCUELA MODERNA. Barcelona. Ano I, n. 1, out. 1901, p. 1-16.

CAPPELLETTI, A. J. La Escuela Moderna en America Latina. **Educació i Història**: Revista D’Història de L’Educación, Barcelona, v. 1, p. 29-33, 1994.

_____. **Francisco Ferrer y la pedagogia libertària**. Tenerife, Madrid: Tierra de Fuego/LaMalatesta Editora, 2012.

FERRER Y GUARDIA. **A Escola Moderna**. Piracicaba: Ateneu Diego Giménez, 2010.

GONÇALVES, A. **Francisco Ferrer y Guardia**: Educação e a imprensa anarco-sindicalista – “A

Plebe" (1917-1919). 2007. 132f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2007.

PEIRÓ, J. **Boletín de La Escuela Moderna**, Barcelona, Ano I, n. 1, out. 1901, p. 14.

SAFÓN, R. **O racionalismo combatente**: Francisco Ferrer y Guardia. Tradução de Plínio Augusto Coelho. São Paulo: Editora Imaginário, 2003.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**. Tradução de Rosaura Eichemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. Tradução de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004. v. 1.

TRAGTENBERG, M. Francisco Ferrer e a pedagogia libertária. In: _____. **Sobre educação, política e sindicalismo**. 3. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

Submetido em 21 de outubro de 2015.

Aprovado em 24 de novembro de 2015.